

## ESTUDO DAS RELAÇÕES FORMADORAS DO TERRITÓRIO NO TURISMO CULTURAL<sup>1</sup>

Pedro de Alcântara Bittencourt César  
Arquiteto (UNITAU) e Doutor em Geografia (USP)  
pedrotur@usp.br

Beatriz Veroneze Stigliano  
Bel. em Turismo e Doutoranda em Ciência Ambiental (USP)  
biatur@usp.br

### **Introdução**

A visitação ao patrimônio cultural e natural, material e imaterial, tem sua base no urbano-arquitetônico. A relação entre o atrativo e o urbano envolve diversos aspectos e condições. Assim, esta lógica é facilmente comprovada na cidade: esta envolve, diretamente, a localidade histórica. A questão da base urbano-arquitetônica perpassa o entendimento de suas territorialidades. O território do turismo processa ações de domínio e apropriação. Conhecê-los envolve relacionar as práticas espaciais com as atribuições do patrimônio.

Nesta pesquisa, adota-se como sujeito o visitante. A ele, atualmente, atribuem-se, cada vez mais valores sociais e culturais. Esse viajante cria novas redes, novo território (HAESBAERT, 2007, P.15). São múltiplos territórios, por apropriação simbólico-cultural, que se confrontam com o espaço vivido, dos locais, e os territórios de domínio dos atores diversos. Estes últimos, destacados pelas relações político-econômicas.

Toda esta nova mobilidade configura novas relações e produz valores e configurações espaciais. “Hoje, a mobilidade se tornou praticamente uma regra. O movimento se sobrepõe ao repouso. A circulação é mais criadora que a produção” (SANTOS, 2004, p.322). Condição cada vez mais presente, em que, entre outros sujeitos, destacam-se os turistas. Estes se movimentam, porém, não são os únicos. Com eles, movem-se, no espaço, produtos, mercadorias, imagens, idéias. Todos, valores de uma desterritorialização.

Nesta pesquisa, parte-se de duas questões: A formação funcionalista e a distribuição patrimonial. Da formação funcionalista, não se espera uma simples descrição dos objetos no espaço por sua funcionalidade. Parte-se desta distribuição como resultante de complexas lógicas. Dessa forma, justifica-se a função por seus múltiplos aspectos, aprovando pela existência de sua complexidade. Um restaurante pode, num primeiro momento, por exemplo, representar as possibilidades familiares, uma tradição ou uma oportunidade fundiária. Contudo, parar neste nível de abstração é basear-se em antigas práticas positivistas. Busca-se reconhecer sua totalidade. Entretanto, faz-se abordagens metodológicas sempre restritas à limitação do concreto presente. Desta, focam-se as lógicas de movimentação ao atrativo cultural, tendo em vista sua totalidade sócio-cultural.

---

<sup>1</sup> Eixo temático: Mobilidade da população e identidade cultural / a territorialização turística: centros e circuitos; impacto e desenvolvimento.

## **Referencial teórico e metodológico**

Há muitos anos, utiliza-se o olhar, como recurso metodológico, na pesquisa de perspectiva geográfica. Com ele, instrumentaliza-se a observação. Nesta pesquisa, contrasta-se uma formulação teórica à relação sujeito e espaço vivido.

Analisa-se representações das singularidades humanas. Ferramenta metodológica, que também é envolvida na compreensão das simbologias espaciais (FRÉMONT, 1980, p.97), como intermediações entre formas e funções e na inserção do sujeito ao lugar.

Estuda-se as representações (BAILLY, 1995) e as distribuições espaciais. Através delas, investigam-se esquemas relativos do real, que é delimitado e reconhecido pela razão que elabora as representações (ANDRÉ, 1986, p.82). São representações, interpretações, reconstituições e apropriações, abstraídas de realidades e associadas às outras relações no espaço. Colaboram com a organização, compreensão e prática, em suas dimensões sociais e culturais (BRUNET, 1992, p.232).

Pesquisa-se o usuário e suas múltiplas imagens, seus valores individuais e sociais, que refletem ideologias e contextos econômicos e culturais (STEIN, 2003). Panorama que resulta da interação, da aprendizagem, da influência da experiência vivida, além de discursos diversos. Busca-se, no sujeito, lógicas que valorizam componentes que integrem realidade e imaginário abordado (BRUNET, 1992, p. 14). Sabe-se que estes têm, nas representações, relações objetivas e subjetivas (BAILLY e SCARIATI, 2001, p.214). Dessa forma, define-se, dialeticamente, o lugar, como um sistema complexo de identidade, e constituído por arranjos espaciais, tais como por suas dimensões: morfológica (LYNCH, 1960); sociológica (MacCANNEL, 1976), pelo espaço vivido (FRÉMONT, 1976). Aborda-se também formas de ações de seus atores, e ~~por~~ fatores econômicos (LEFEBVRE, 1974), que se referem aos impactos de utilização de recursos na transformação do espaço geográfico (STEIN, 2003).

As categorias território e patrimônio são adotadas como elementos do espaço percebido. Nele, é conferida legibilidade (como propõe LYNCH, 1999), ao identificar, estruturas e significados (MacCANNEL, 1976; FRÉMONT, 1976; GUMUCHIAN, 1989 e BAILLY, 1992). Ao serem identificados adquirem nomes (DEBARDIEUX, 1989, p.98), que são de um espaço que é reconhecido globalmente, ~~conferindo~~ significado – prático e emotivo, e um estatuto de inventário.

Certos lugares, ou objetos do nosso ambiente servem de pontos de referência. São contribuições para a elaboração das lembranças e o trabalho da memória individual ou coletiva (HALBWACHS, 1990). Nesses, o "museu do imaginário" (MALRAUX, 1965) permite integrar o conjunto das imagens que a memória recorda e reconstitui, a partir de um lugar, um monumento ou uma obra de arte. Elas podem ter importância dirigida à imagem mundialmente conhecida. Desta forma, tornam-se elementos característicos e notáveis, fragmentos suficientes evocados, de modo que a memória reconstrói o restante do ambiente urbano.

Na apropriação espacial, grupos de indivíduos ~~com~~ competem por territórios. Eles intervêm, em ações práticas e nas representações (RAFFESTIN, 1980, p.129), formando territorialidades e identidades. Elaboram-se “pedaços de lugares” (MAGNANI, 1998), ao serem incorporados a valores de aproximação e pertencimento.

As relações sociais que reúnem os transeuntes anônimos distinguem-se das relações de vizinhança e de bairro, nas maneiras de ver e de se mostrar específicas. Uma coordenação dos movimentos no espaço, que permite os cruzamentos (GOFFMAN, 1979), mostra que estes comportamentos em público, aparentemente marcados pela indiferença mútua, têm realmente um significado social preciso; ou seja, sublinha que qualquer vida pública implica em forma de vida social.

No Centro Histórico, o espaço público representa lugar de encontro. Este é definido pelos indivíduos de classes sociais, de raças e de etnias diversificadas como lugar de multiplicidade. Entretanto, certos trechos dos espaços públicos são apropriados por grupos específicos, muitas vezes, chegando a limitar o acesso a outros, ocasionando a ruptura da relação social, a recusa de misturas sociais e culturais e a perda do sentimento de “pertença” coletivo (WEBER, 1921).

## **Território e patrimônio**

A cidade abrange distintas formas de produção social do espaço. Nela, diversas condições criam novos arranjos produtivos, cada qual com suas próprias especificidades. Na localidade histórica, ou seja, em sua área definida por monumentos, patrimônios ou manifestações que se relacionam com tais condições culturais, agregando-se estas condições sociais.

A incorporação de um bem a novos arranjos sociais gera novas expectativas. Neste processo, novas possibilidades econômicas são normalmente associadas como fator positivo. Embora a conseqüente vinda de novos grupos sociais, com novos hábitos, cria desconfiança e desconforto ao *status* sócio-espacial presente. Para tal questão, é fundamental um planejamento que respeite o interesse da comunidade. Uma proposta participativa parece ser uma alternativa viável. Nele, o conhecimento das relações de territorialidade existentes torna-se uma necessidade de abordagem.

Espera-se, assim, antes de suas aplicações, conhecer com profundidade a respeito de dois valores: patrimônio e território. A estes se relacionam as dinâmicas sociais existentes. O patrimônio urbano-arquitetônico resulta de dialética entre ideologias e outras circunstâncias globais, oportunidades e condições locais. Nele, definem-se territórios e patrimônios. Também é síntese dos arranjos espaciais, justificada por uma epistemologia social crítica e humanistas, principalmente, da antropologia e da psicologia social. Essas são teorias, como as de Lynch (1999), Frémont (1976) e Bailly (1995).

Parte-se de um dado espaço social. Realidade de um concreto pensado, com seus elementos simbólicos, que, ao contrastar com as suas formulações arquitetônicas (PEVSNER, 1992) e patrimoniais (CHOAY, 2000), apresenta valores de identidade. Tais condições representam o lugar por seus valores memoriais, induzindo a uma nova formulação teórica, que se agregue à práxis encontrada.

Adota-se, muitas vezes, como estatuto do patrimônio, sua distinção oficial. Nele, os dispositivos institucionais e legislativos são objeto de medidas de proteção. Entretanto, um patrimônio inventado e definido pela comunidade como tal, não é, necessariamente, objeto de medidas específicas, mas traduz relações de identidades sociais e culturais fundamentais (SODERSTRÖM, 1988; CÉSAR, 2007).

Está sensível a relação entre o privado e o público (coletivo), nos seus usos ou nas suas representações; como através de suas fachadas, entre outros fatores, que ao remeter à relação de apropriação simbólica expõe identidades coletivas do lugar. Hoje, surge o termo **Patrimonialização**, que é a ação subjetiva que privilegia e carrega de sentidos, valor e afetividade, um objeto ou um lugar, sendo que seu estatuto baseia-se na memória e não na história (CÉSAR, 2007, p.125).

Forma-se por elementos de significado, de apropriação, bem como sentimentos de *pertença* desenvolvidos ao redor de lugares escolhidos (STEIN, 2003, p.101 e CÉSAR, 2007). Suas identidades, construídas com base em confrontação, apresentam-se por valores temporais e por escalas múltiplas (do local ou global) que se envolvem em seu processo de **patrimonialização**. (CÉSAR, 2007, p.125).

A primeira parte da **patrimonialização** refere-se à seleção, que vem, normalmente, caracterizada por valores de uma lógica dominante. A apropriação de métodos que envolvem as relações do cotidiano, a escala local, favorece uma visão mais abrangente. (CÉSAR, 2007, p.125).

As representações implicam no reconhecimento dos valores dos objetos, por parte das pessoas (MOLES, 1981). Tais objetos, sejam móveis ou imóveis, distribuem-se pelo espaço. Têm-se as suas representações definidas por uma dialética, entre seus estatutos e as ações das sociedades no espaço. Entretanto, inclusive, muitas vezes, com interface em sua morfologia e toda relação sócio-cultural, oferecendo a estes processos, valores específicos, que os definem. Os objetos reportam a aspectos denotativos (semânticos) e conotativos (estéticos), apropriados por funções sociais, de distinção utilitária específica e negativa. Nesta distinção, territorializam-se e definem-se por tipologia social (CÉSAR, 2007, p.215).

Busca-se, nesta relação atribuída aos valores materiais, o reconhecimento de seus atores e de sua subjetividade. Têm-se os valores sociais e individuais agregados de percepção para a compreensão do lugar (FRÉMONT, 1974; TUAN, 1980, 1983 e 1985 e ANDRE, 1998). As representações do espaço são relações objetivas e subjetivas (BAILLY e SCARIATI, 2001, p.214), que definem o lugar, por um sistema complexo de identidades. Construíram-se territórios e redes múltiplas, em que neles os espaços se constroem por arranjos espaciais. Definem-se dimensões: morfológica (LYNCH, 1960); sociológica, pelo espaço simbólico, ao ser abordado pelas formas de ação de seus atores (BOURDIEU, 1996); e por fatores econômicos, que se referem aos impactos de utilização de recursos na transformação do espaço (STEIN, 2003), e, na geografia, pelo espaço vivido (FRÉMONT, 1976). Todas estabelecem um elo com o sujeito (CÉSAR, 2007, p.215).

Cabe ao lugar a sua definição por esta lógica material e subjetiva. Dele, objetos e ações formados dialeticamente (SANTOS, 2005, p.159), se estabelecem na representação do espaço. Resultam-se arranjos diversos estabelecendo a compreensão espacial do sujeito (CÉSAR, 2007, p.215).

## **Turismo e territórios: lógicas contemporâneas**

Entender o território é necessário para referenciar um turismo sustentável. Suas forças e objetivos atribuídos ajudam a compreender um determinado local, contribuindo

para valorizar as relações sócio-culturais da comunidade e, mesmo, as oportunidades para o sucesso da visitação.

No território, relacionam-se diversos atores. Desses, destaca-se o Estado, a Igreja, os governantes, as forças hegemônicas. Entretanto, esses não são únicos, e nem se deve pensar numa associação direta de pertencimento abstrato. Sua formação, assim como seus limites são efêmeras, e qualificados como objetos híbridos, com propriedade relativamente negociada e ações múltiplas. O território está mais próximo de seu instituto de territorialidades. Relação complexa, de múltiplos atores, que sobrepõe e flexibiliza o local.

Parte-se de uma relação espacial. Com ela, ponderam-se as relações entre as escalas superiores e as escalas cotidianas de uma respectiva localidade. Na superior, tem-se a ordem global, que se alinha em razão técnica e operacional, e a linguagem matemática. Por sua vez, “a ordem local funda a escala do cotidiano, e seus parâmetros são a co-presença, a vizinhança, a intimidade, a emoção, a cooperação e a socialização com base na continuidade” (SANTOS, 2004, p.339) espacial. Nos níveis superiores, muitas vezes, formam-se os territórios em rede, tais como os bancos, as estruturas jurídicas e as superestruturas. O espaço local (banal) é associado ao território cotidiano (do território de todos), embora possa proporcionar redes, servindo de estruturas concretas.

O espaço desenvolve uma relação (íntima) com o território. É constituição de arranjos territoriais jurídicos, políticos ou econômicos (SPOSITO, 2002, p.112), tendo como valores inerentes as fontes de recurso das atividades que se engendram na respectiva sociedade, que define, historicamente, sua configuração territorial pelo conjunto de objetos existentes sobre ele, naturais ou artificiais (SANTOS, 2005, p.75).

O território define, espacialmente, o uso objetivo das relações, sendo a sua “forma impura, um híbrido, uma noção que, por isso mesmo, carece de constante revisão histórica. O que ele tem de permanente é ser nosso quadro de vida” (SANTOS, 2005, p.137). Seus funcionamentos elaboram domínios horizontais e verticais. As horizontalidades, com sua continuidade, contrapõem-se com verticalidades, e os pontos distantes, em uma continuidade material, que se relacionam entre si por processos sociais (SANTOS, 2005, p.139). Outra característica é sua efemeridade. Nele, compõem-se e decompõem-se, nas diferentes escalas, do local, das práticas cotidianas, ao global, de práticas abstratas, e com periodicidade das mais variadas (SOUZA, 2003, p.81). Outra característica é sua flexibilidade e mobilidade na relação espaço-tempo (SOUZA, 2003, p.88), como a dos camelôs e das prostitutas, que apresentam dinâmicas de apropriação com horas estabelecidas, definindo seus respectivos territórios.

Dessa forma, as categorias etimológicas e materialistas são incorporadas na prática individual e social. Define-se o território. Especificada na relação da espacialidade de poder, produto de uma relação de trabalho, de produção e de troca. Constrói, na, outra relação que deve ser incorporada, a esfera do cotidiano, que remete ao confronto dialético de um complexo sócio-espacial e suas formações estruturais com as representações e ações de seus atores (MÉO, 1993, p.307).

## **Estudo das territorialidades**

A escolha das áreas de estudo justifica-se pela lógica de Kevin Lynch (1960). Destarte, seus elementos para o centro histórico de São Paulo, a Vila Ferroviária de Paranapiacaba e as cidades de Bananal e São Luiz do Paraitinga. Observa-se que Lynch, é provavelmente, o autor mais referenciado no estudo da percepção ambiental aplicado à cidade.

Nele, definem-se realidades diversas de interpretação, com significados diferentes, sendo que, cada indivíduo, constrói, dentro desta dinâmica, a sua própria representação, embora se possa reconhecer a existência de imagens públicas, entre outras formas simbólicas de representar. Pensa-se no lugar e suas hierarquias de valores referenciais. Identifica-se, nas imagens públicas, o resultado de muitas imagens individuais, criando significados coletivos, o que confere à cidade características de representação do lugar. As **imagens ambientais** compõem-se de três componentes: a **identidade**, a **estrutura** e os **significados** (LYNCH, 1997), que refletem os usuários do lugar. Na análise da sua percepção, por esta abordagem, são elementos constitutivos do lugar: Vias, Limites, Bairros, Pontos Nodais e Marcos.

O ambiente urbano constituído pode ter uma forma perceptível. Pode apresentar valores poéticos e simbólicos, unindo o sujeito com o lugar, por receptores sensoriais. Dessa forma, apresenta-se uma sensação de bem estar, de admiração, ao possuir um maior envolvimento dos sentidos humanos, como, por exemplo, em uma catedral (TUAN, 1980, p.13), quando as pessoas possuem uma alta capacidade de desenvolvimento do comportamento simbólico, construindo e representando mundos mentais. Observa-se que o visitante e o morador apresentam visões em quadros específicos. A visão do visitante é constituída, essencialmente, da estética – do formal e do belo – e a do morador, mesmo com uma maior dificuldade na compreensão dos valores simbólicos, tende a abordar a sua totalidade (TUAN, 1980, p.72).

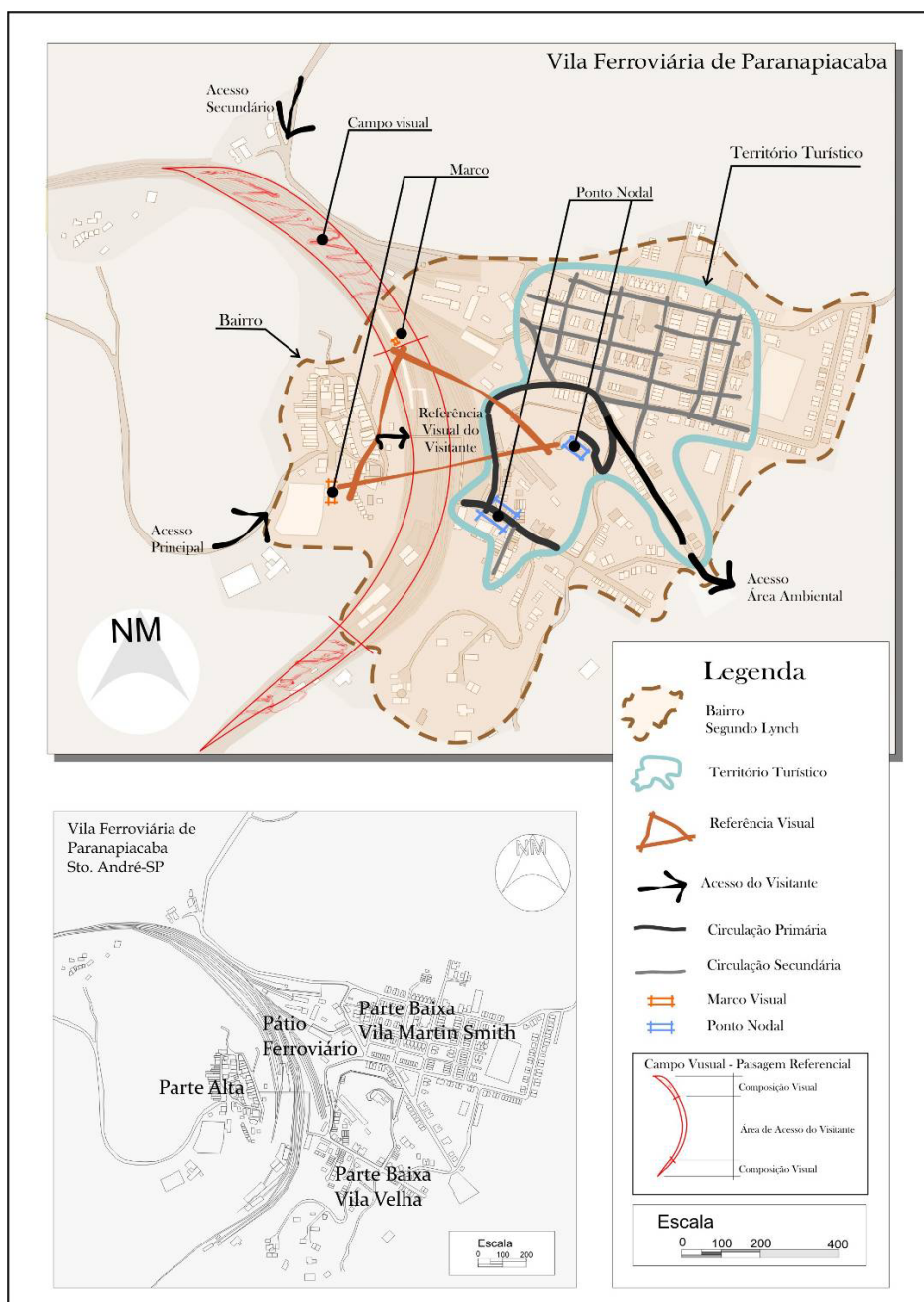
## **Estudos das localidades**

Durante anos foram realizadas pesquisa de campo nestas quatro localidades: Na cidade de São Paulo foi estudado Centro Histórico; Bananal e São Luiz do Paraitinga foram cidades que conheceram sua pujança urbana, arquitetônica e econômica no século XIX, e são referências no estudo do patrimônio no estado de São Paulo; A Vila Ferroviária de Paranapiacaba, que é um enclave urbano, construído pelo dinheiro da produção do café.

### **A VILA FERROVIÁRIA DE PARANAPIACABA**

Analisa-se, inicialmente, a Vila Ferroviária de Paranapiacaba (vide fig.1). A localidade surgiu em função da ferrovia construída pelos ingleses, a São Paulo Railway, no final do século XIX. Atraiu imigrantes portugueses, espanhóis, italianos em grande número, e também franceses e alemães, entre outros, minoritariamente. Essa característica determinou o estilo das construções bem como os materiais utilizados, em grande parte importados, conferindo identidade peculiar, hoje, transformada em atrativo turístico, junto com alguns outros elementos, inclusive os recursos naturais, que, conjuntamente, estão sendo trabalhados na constituição do produto turístico. Este movimento se dá em função da diminuição dos vínculos com a atividade ferroviária, na

atualidade, para os moradores de Paranapiacaba e a necessidade de se ter uma opção de geração de renda e um estímulo à manutenção do patrimônio existente e tombado pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico Arquitetônico Nacional.



Fonte: Plano de Desenvolvimento Sustentável: Vila de Paranapiacaba  
 Prefeitura Municipal de Santo André, FAUUSP-LUME: São Paulo, 1999

Fig. 1 – Estudo de Paranapiacaba

As vias de Paranapiacaba foram divididas em duas categorias. A primeira indica o acesso principal. Há que se considerar que o visitante consegue chegar a Paranapiacaba de ônibus, cujo ponto final o leva a este caminho, ou de carro, sendo que, nesse caso, deixa o veículo estacionado e também se dirige, a pé, para a entrada principal. Esta entrada corta a Parte Alta, conduz o visitante à passarela que cruza o Pátio ferroviário e o encaminha à entrada da Parte Baixa, onde encontra o Centro de

Informações Turísticas e várias opções de serviços de alimentação, receptivo e possibilidades de compras turísticas. É o ponto 'distribuidor' dos visitantes pela localidade.

Há, também, um acesso secundário para quem chega de carro. É uma estrada de terra que sai da rodovia que leva a Paranapiacaba, com uma placa indicando "Parte Baixa", por onde se percorrem cerca de sete quilômetros. Por esse caminho, contorna-se a linha ferroviária e entra-se com seu o na Parte Baixa, por onde se pode trafegar e estacionar. Destaca-se, no entanto, que as condições dessa via são precárias. Dentro da Vila, outra via de destaque é o acesso à Área Ambiental. Caracteriza-se pela entrada ao Parque das Nascentes, importante atrativo turístico da localidade, que tem uma grande área de Mata Atlântica em seu entorno.

Os pontos nodais da Vila são a área do CIT, logo quando se sai da passarela e a casa conhecida como 'Castelinho', importante atrativo da localidade, abrigando um Museu, aberto para visitação. Ele se localiza numa elevação na parte Baixa, atingindo um campo visual muito vasto na Vila, importante, também, para o visitante se basear em seu deslocamento.

Tem-se como marco da Vila a torre do relógio da antiga estação. Isolada no emaranhado dos trilhos, não se tem acesso a ela. No entanto, atrai os olhares dos visitantes, pelo contexto de sua localização e qualidade est tica. Define-se a igreja também como marco, uma vez que não é comum o visitante acessar seu interior, mas,   visível de quase todos os pontos da vila, norteando o deslocamento e marcando a paisagem.

Destaca-se o triângulo imaginário traçado entre a Igreja, a torre da antiga estação e o "castelinho" como 'referência visual do visitante'. Caracterizam pontos de fácil visualização durante todo o trajeto em Paranapiacaba e marcam direções para orientação, além de contribuírem para a formação da paisagem da vila.

Ao analisar especificamente o trecho do pátio ferroviário localizado na área, representado por uma figure em forma de meia-lua, tem-se que o acesso   limitado à sua parte central, que abriga o Museu Ferroviário e o passeio de Maria-fumaça. O restante da área tem papel importante de referência visual para o observador.

Constitui-se, assim, um território turístico, no sentido de se ter uma área de fundamental de concentração de turistas, atrativos, serviç os. Abrange as principais ruas de deslocamento, a maior concentração de atrativos e a maioria dos serviç os. São caminhos que todo visitante pode percorrer, sem restrições de acesso.   a área que ele pode facilmente sentir ser 'dele', e, com ela, criar uma relação de identificação.

#### SÃO LUIZ DO PARAITINGA

A cidade de São Luiz do Paraitinga (vide fig.2)   marcada como ligação entre Taubaté e Ubatuba. Situada na Serra do Quebra Cangalha, prolongamento da Serra do Mar, no estado de São Paulo. Encontra-se, geograficamente, entre o planalto do vale do Paraíba e o Litoral Norte do estado de São Paulo. Localização que representa eixo de produção colonial e imperial do Brasil, principalmente do café.

O centro da cidade preserva as características dessa época. Nela dezenas de casario e algumas igrejas católicas compõem uma paisagem marcante. Nele, são edificações



com um partido marcante do primeiro período clássico brasileiro, ou seja, da metade do século XIX. Construções com gabarito que o define como sobrados e construções térreas.

Paisagem marcante, que se contrapõem com o “mar de morros” típico de sua serra. Nela, um tabuleiro de contrastes de elevações definem, com pouca alteração de altitude, uma série de morros, muito usado para uma cultura extensiva, porém não mecanizada. Reinou neles a produção do café.

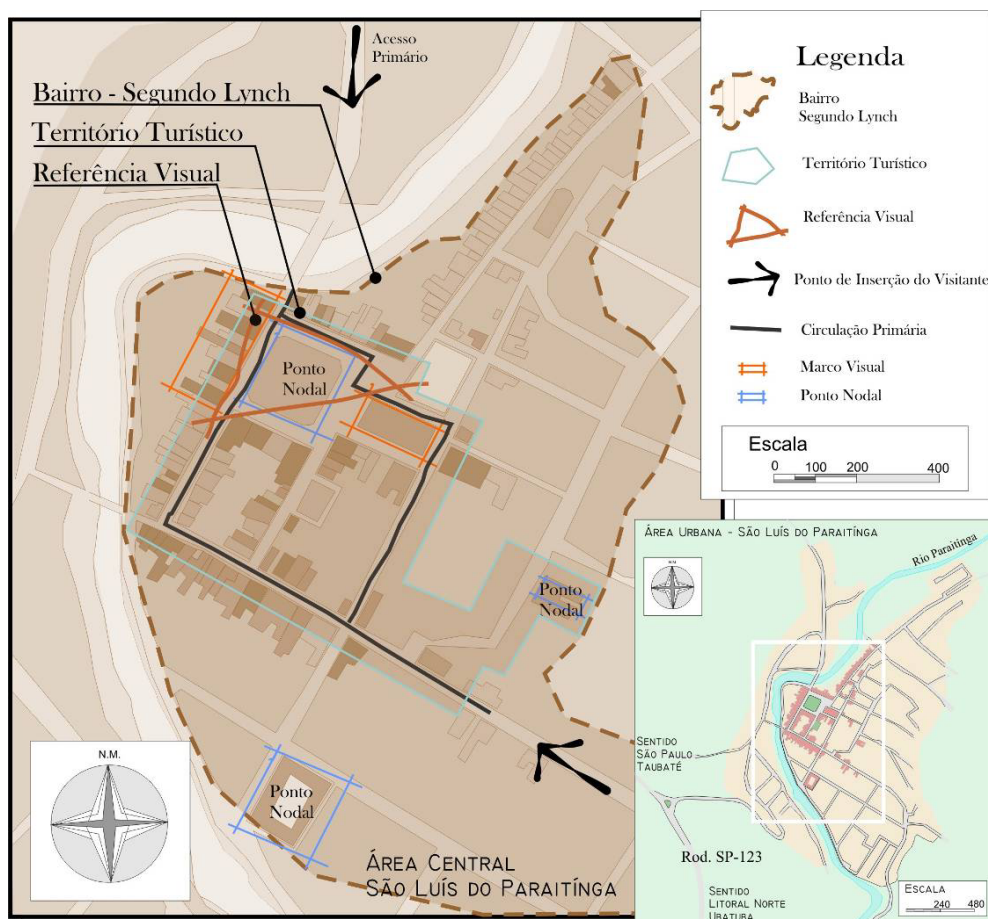


Fig. 2 – Estudo de São Luiz do Paraitinga

Na cidade, seu cotidiano é desenvolvido por lógicas sociais de encontros eventuais intensos. O urbano se define por tais eventos. Neles, predominam as “donas de casa” nas tardes, pela rua, e à noite pelos senhores, “jogando conversa fora”, e adolescentes apropria-se dos espaços amplos de uso público. Entretanto todas essas relações, do centro, são totalmente alteradas nos dias de feriado. Produz-se uma lógica própria de festa e entretenimento nestas datas. Entretanto, no período do carnaval intensifica-se ainda mais.

As ruas são palco e sujeito nas transformações culturais. Ponto máximo do resgate cultural da cidade, as marchinhas de carnaval são referências para diversas festas que marca uma só paisagem de entretenimento. Ocupam-se todas as suas do entorno das praças centrais. Elas, nos dias de carnaval, são “invadidas” por milhares de pessoas. Dobra-se a população da localidade e nova territorialidade é definida.

## POLÍGONO HISTÓRICO DA CIDADE DE SÃO PAULO

São Paulo mantém características impares. Aglomerado urbano que se configura, hoje, como uma das maiores metrópoles do mundo, durante quase três séculos foi uma modesta cidade. Este, praticamente, resumia-se ao que hoje é o polígono histórico.

Recorte espacial, esta área também é chamada de centro antigo ou centro histórico de São Paulo. Nele no início do século XVI, assentam-se os primeiros europeus. Funda-se, assim, a cidade. Desse período pouco resta. Entretanto, têm-se alguns vestígios do período colonial. Quanto aos aspectos histórico-culturais das formas urbano-arquitetônicas observa-se a presença de exemplares de todas as fases econômicas e políticas nacionais e locais.

Hoje, a área é ladeada de avenidas que se configuram como resultado do processo de urbanização realizado no meio do século XX. Tais formações a isolam de uma lógica urbano-cotidiana. Entretanto, a estrutura metroviária cria pontos nodais, utilizados por milhões de usuários, diariamente. A existência de lojas e ruas de serviço e comércio especializado, sedes de empresas públicas e áreas de cultura definem sua centralidade. Esta, compartilhada com outras pela cidade, que caracteriza como metrópole de múltiplas centralidades.



Organizado: Pedro de Alcântara Bittencourt César;  
Adaptado SEP-Gegran, 1973; Lume-Lab/Arq/USP, 2004 e MSPQ-CESAD-FAUUSP

Fig. 3 – Estudo do Centro de São Paulo

O visitante se insere, normalmente, pelos três metropolitanos (Metrô). A facilidade de acesso por automóveis e ônibus, faz com que milhares de pessoas visitem o centro. Estes se diluem na paisagem urbana, onde milhões desenvolvem suas atividades concomitantemente. Nos domingos, tal lógica se altera. A presença mais constante do visitante, e a pouca presença de outras pessoas, o distingue na paisagem urbana com mais facilidade. Cria-se, inclusive uma nova lógica de apropriação espacial.

O centro de São Paulo apresenta, entre as inúmeras ambigüidades, uma referência à hospitalidade. A presença de restaurantes, museus e outros centros de cultura, estruturas de serviço não o caracteriza como área de uso turístico, como acontece em outras metrópoles no mundo. A sua apropriação espacial se resume ao entorno do Pátio do Colégio. Esta construção, um simulacro do primitivo colégio jesuíta, ordem que fundou a cidade, é a maior referência do visitante.

#### CIDADE DE BANANAL

Pesquisa-se também a cidade de Bananal. Município localizado no extremo leste do Estado de São Paulo, mantém limites ao Norte, Sul e Leste com o Estado do Rio de Janeiro. Contexto que identifica sua formação relacionada com a abertura do “Caminho Novo”. Via de acesso principal da coroa portuguesa para o escoamento dos minérios e pedrarias das minas Gerais. No século XIX, a localidade adquire prestígio político e econômico com a produção de café e o negócio de venda de escravos. Condição que favorece a criação de uma estrutura de casario urbano e rural. Muitas dessas construções existem ainda hoje dando ao município uma paisagem bucólica. A estrutura de hospedagem da cidade se faz, principalmente, nas centenárias fazendas de café.

A zona urbana também define um núcleo predominantemente “histórico”. Este tombado pelo Conselho de Desenvolvimento do Patrimônio Histórico Artístico, Arquitetônico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT), representa a área de serviços e comércio urbanos. A expansão urbana, depois do período mencionado, não sobrepõe a malha urbana e edificada já existente. Na zona rural, duas características são distintas. Nas propriedades rurais do norte do município predominam antigas fazendas do ciclo do café. Nela, planícies com presença de pequenos morros (elevações) compõem uma paisagem rural de aspecto agrário. Na face sul, prevalece a Serra da Bocaina, com mata densa, cercada de pequenas estalagens para visitaçã e hospedagem.

Atualmente, a atividade turística predominante é o ecoturismo. Condição que privilegia as relações fundiárias da Bocaina. Neste local, uma topografia acidentada caracteriza sua paisagem. Tem-se, também, a Estação Ecológica Bananal (Unidade de Conservação aberta a pesquisadores), a presença de trilhas (algumas do período dos ciclos econômicos do passado), locais de criação de truta que reforçam a lógica de visitaçã ecológica. Define-se uma paisagem bucólica com apelo ambiental.

Das propriedades de café (do período imperial) destaca-se a Fazenda Resgate. Patrimônio tombado pelo governo federal (IPHAN). Não se pode pensar nela como atrativo turístico, trata-se de propriedade particular, com um processo intermitente de restauro e conservação. Embora o proprietário receba com freqüência visitante, não há uma institucionalizaçã do uso externo.

Na cidade, as construções do período imperial são marcantes. Nelas observa-se um resgate da memória do ciclo cafeeiro. São construções neo-clássicas típicas desta região.

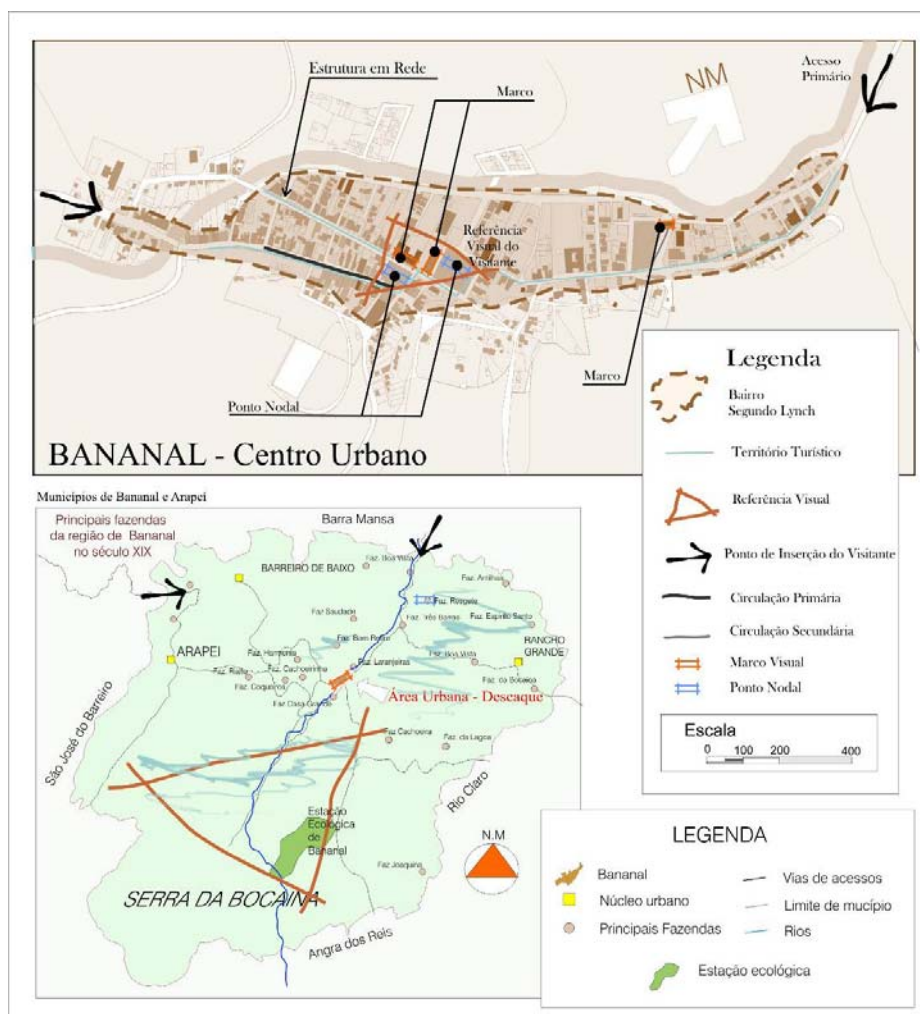


Fig. 4 – Estudo de Bananal

Pode-se observar uma estrutura de rede definindo o território turístico de Bananal. Na área urbana, embora a relação turista x visitante ocorra sem conflitos não há uma extensão urbana que poderia ser chamada de território turístico. Não há inclusive uma paisagem que tenha valores representacionais para o processo de visitação. Nota-se, assim, a presença de inúmeros elementos que marcam a identidade local, como a esta o ferroviária, as antigas residências dos comendadores do café. As praças –  reas verdes – são pontos de encontro e nelas se desenvolvem rela es sociais entre os visitantes.

O território turístico são as redes rurais. Os acessos, as trilhas, os lazeres, as hospedagens, e algumas outras op es de hospitalidade no município definem um ef mero território do visitante.

## **Palavras finais**

Pesquisa-se uma relação dialética entre o passado e o presente. No passado, são estabelecidas as estruturas urbanas, sociais, entre outras. Nelas, elaboram-se patrimônios, entre outras relações representacionais e memoriais. Condição esta que possibilita a visitação turística. O turismo re-elabora as condições sociais e materializa formas urbanas, novos equipamentos e serviços.

São Paulo, Paranapiacaba, Bananal e São Luiz do Paraitinga possuem contextos urbanos diferentes. Entretanto, mesmas lógicas são percebidas em ambas. Nessas localidades, às vezes, o bem cultural incorpora a produção, outras vezes, competem e, mesmo, definem novas oportunidades ou restrições à produção local. A indústria cultural participa do processo, resgatando e re-funcionalizando áreas que, há décadas, foram abandonadas.

A incorporação do bem a novos arranjos sociais gera novas expectativas. A perspectiva de novas possibilidades econômicas, normalmente, associa-se como fator positivo, Embora a vinda de novos grupos sociais, com novos hábitos, cria desconfiças e desconforto ao *status* sócio-espacial presente.

Duas características devem ser observadas. A paisagem urbana contribui para a definição das relações sociais na cidade. Entretanto, uma série de patrimônios não define uma paisagem, esta somente é formada por representações espaciais que determinam continuidades visuais e valores simbólicos. Outro estatuto é a apropriação territorial relacionada à paisagem, em sua formação. O estudo de ambos facilita a compreensão da atividade turística e contribui para desenvolver uma atividade com valores sócio-ambientais sustentáveis.

## **Referências bibliográficas**

- ALBA, Martha. Mapas mentales de la ciudad de México: una aproximación psicosocial al estudio de las representaciones espaciales. *In*. **Estudios demográficos y urbanos**. México: El Colégio de México, n.55, pp.115-143.
- ANDRÉ, Yves. **Enseigner les représentations spatiales**. Paris: Anthropos, 1998
- BAILLY, Antoine. **La représentation en géographie**. *In*: BAILLY, Antoine, FERRAS, Robert, PUMAIN, Denise. (org.), **Encyclopédie de géographie**. Paris: Anthropos, 1992, pp. 371-383.
- BAILLY, Antoine e SCARIATI R. (ed.) , **L'humanisme en géographie**. Paris: Anthropos, 1990.
- BAILLY, Antoine, Géographie regionale et représentation. *In*. BAILLY, A. e DEBARDIEUX, B (org.) **Géographie regionale et représentation**. Paris: Anthopos, 1995, pp.25-34.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5ed. (Introdução Sergio Miceli). São Paulo: Perspectiva, 2003, 361pp.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. 7ed. São Paulo: Perspectiva, 2005, 224pp.
- BRUNET, Roger. **Les mots de la géographie**. Paris: Reclus-Documentation Française, 1992.

- CARA, Roberto Bustos. Patrimonialización de valores territoriales, turístico, sistemas productivos y desarrollo local. *In. Aportes y transferencias*, v.8, n.2 Mar del Plata: Universidade Nacional de Mar del Plata, 2004, pp. 11-24.
- CESAR, Pedro Bittencourt; STIGLIANO, Beatriz Veroneze. Representações do espaço arquitetônico: Elaboração de método de abordagem. Salvador: **Anais do III ENEER**, 2007.
- CÉSAR, Pedro Bittencourt. **As representações do espaço arquitetônico**. Uma proposta metodológica aplicada ao centro histórico da cidade de São Paulo. São Paulo: Tese de doutorado, DG-FFLCH-USP, 2007.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- DEBARDIEUX, Bernard. Les problématiques de l'image et de la représentation en géographie. *In. : BAILLY Antoine. et al., Les concepts de la géographie humaine*, Paris: Armand Colin, 2001.
- FRÉMONT, Armand. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Livraria Almedina, 1976.
- GOFFMAN, Erving. **Relaciones en publico: microestudios del orden publico**. Madrid: Alianza Ed., 1979.
- GUMUCHIAN, Hervé. Les représentations en géographie. Définitions, méthodes et outils *In: ANDRÉ, Yves. et al., Représenter l'espace, l'imaginaire spatial à l'école*, Paris: Anthropos, 1989.
- HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. *In. Anais do X EGAL*, São Paulo: DG-FFLCH-USP, 2005, pp.6774-6792pp.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.
- HOESBARERT, Rogério. **O Mito da desterritorialização: do 'fim dos territórios' à multiplicidade**. Berthand, Rio de Janeiro: 2007.
- LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. Paris: Anthropos, 1974, 485pp.
- LYNCH, Kevin, **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999
- MacCANNELL, Dean. **The tourist: a new theory of the leisure class**. New York: Schocken Books, 1976.
- MAGNANI, José Guilherme. **Cantor. Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. 2ed. São Paulo: Hucitec, 1998
- MALRAUX André. **O museu imaginário**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- PEVSNER, Nikolaus. **Panorama da arquitetura ocidental**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo: Razão e emoção**. 4ed. São Paulo: Edusp, 2004 (1996), 384pp.
- SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005, 176pp.
- SANTOS, Milton. **Por um a geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. (6ed). São Paulo: Edusp, 2004b, 258pp.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. 4ed. Edusp, São Paulo: 2004 (1996).
- SODERSTRÖM, Ola. La question patrimoniale *In: OEPR, Les enjeux de l'urbanisation*, Peter Lang, Berne: 1988, p. 181-94.
- SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. *In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES. Paulo César da Costa e*

- CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Geografia e conceitos e técnicas**. 6ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003 (1995), p.77-116.
- SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia**: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Ed.UNESP, 2004, 218pp.
- STEIN, Véronique. **La reconquête du centre-ville**: du patrimoine a l'espace public. Faculdade das Ciências Econômicas e Sociais da Universidade de Genebra, Tese de doutorado, Genebra: 2003.
- TUAN, Yu-Fu. Geografia humanística. *In*. CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.). **Perspectiva da geografia**. São Paulo: Difel, 1985, pp. 143-164.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. (Space and place: the perspective of experience-1977) São Paulo: Difel, 1983, 250pp.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980, 228pp.
- WEBER, Max.. **La ville, Paris**: Aubier, 4ed. 1982.